

AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís; MARTHA, Alice Áurea Penteadó (Org.). *Heróis contra a parede: estudos de literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 317 p.

Berta Lúcia Tagliari Feba
Doutoranda em Letras – Universidade Estadual de Maringá

A publicação e a circulação de livros de diversos títulos em feiras e escolas demonstram que a literatura infantil e juvenil tem conseguido espaço no competitivo mercado editorial. A ampla produção deixa professores e pais incertos quanto ao que oferecer ao jovem leitor, uma vez que, em meio a tantos livros, há aqueles de qualidade estética assegurada, importante fonte de formação emancipadora, porém, há outros menos elaborados literariamente. Essa produção bem cuidada no que se refere ao projeto gráfico editorial e à qualidade do texto tem sido legitimada, por exemplo, pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) e Câmara Brasileira do Livro (CBL), que há anos conferem lãureas em diversas categorias. Assim, multiplica-se o número de estudos e de seminários para tratar do assunto, no entanto, é possível verificar que ainda faltam pesquisas mais sistemáticas na área da teoria, da crítica e da circulação da literatura infantil e juvenil, tanto de autores brasileiros quanto estrangeiros. Ademais, temas polêmicos como morte, suicídio, sofrimento, dor, racismo, estupro, homossexualismo são comumente camuflados ou suprimidos da literatura infantil e juvenil na tentativa de poupar o leitor, negando a ele uma reflexão sobre a própria vida. Corroboram para isso a quase inexistência de estudos que se voltem para uma análise densa de tais obras e que reflitam sobre suas funções na formação do sujeito leitor. É esta a lacuna que vem preencher o livro *Heróis contra a parede: estudos de literatura infantil e juvenil*, organizado por Vera Teixeira de Aguiar, João Luís Ceccantini e Alice Áurea Penteadó Martha, que, de modo esclarecedor, promove um debate acerca de temas caros inerentes a obras consagradas que recebem tratamento estético de seus autores e ilustradores.

Integram a coletânea uma apresentação de Ligia Cademartori e quatorze capítulos produzidos por professores e pesquisadores na área da literatura para crianças e jovens.

O primeiro deles, de Lisa França, refere-se à conferência de abertura das atividades do Grupo de Trabalho (GT) “Leitura e Literatura Infantil e Juvenil” durante a realização do XXIII Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll), realizado de 2 a 4 de julho de 2008, em Goiânia (GO), evento este que possibilitou a reflexão dos integrantes do GT e estimulou a produção desta obra. Para chegar à importância da arte na vida do homem, França explica que a sociedade atual, em virtude de hábitos modernos, de tecnologias, deixou a via do simbólico ser preenchida por formas diferentes que não pela arte, como as drogas, os medicamentos, formas de satisfação do corpo que substituem e preenchem uma falta. Para isso, recorre a conceitos da Psicanálise e justifica a importância da literatura, das “palavras para traduzir o mundo” (p. 20), e defende a aproximação entre esta literatura e o simbólico para a vida do homem. É pela arte, portanto, que o ser humano organizará seu caos interior e trará sentido à sua dor.

O tema do preconceito racial é abordado em dois ensaios. Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira e Renata Junqueira de Souza analisam *Xixi na cama* (1979), de Drummond Amorim, e *O menino marrom* (1986), de Ziraldo, e verificam o modo como o racismo é tratado nos livros. Nesta leitura, demonstram a necessária participação do leitor para organizar a narrativa a partir da construção do narrador, bem como apresentam um gráfico para interpretação das personagens que revela a recepção dos livros por uma aluna. Maria Teresa Gonçalves Pereira, em seu ensaio, expõe opiniões acerca do candente debate sobre o racismo em Monteiro Lobato e afirma que não se pode julgar o autor pela linha do preconceito, mas ter em mente o valor de sua obra para a descoberta da literatura por diversas crianças brasileiras.

O trabalho de Vera Maria Tietzmann Silva apresenta o tema do diferente, da deficiência e, portanto, da inclusão. A pesquisadora analisa livros que oferecem ao leitor o contato com personagens pouco frequentes, lidos sob um olhar não mais de compaixão ou depreciação, mas de modo franco, justo, livre de preconceitos e cheio de admiração devido ao fato de colocar-se no lugar do outro por meio da imaginação gerada pela literatura. Outro ensaio que abarca a discussão entre grupos de minorias é produzido por Fabiane Venardi Burlamaque e Diogo da Costa Rufatto. Aqui, o propósito é compreender a temática da homossexualidade, bem como ampliar os debates desta

vertente, a partir da análise de dois textos contemporâneos destinados ao público jovem: *À procura do encontro*, de Cristine Baptista, e *Por que eu não consigo gostar dela?*, de Anna Claudia Ramos.

Um livro de contos de iniciação, de Sérgio Faraco, intitulado *Doce paraíso* (1987), é mote para as reflexões de Zíla Letícia Goulart Pereira Rêgo. Em seu ensaio, a pesquisadora relata experiências vividas em sala de aula com uma turma de alunos da disciplina de Prática de Ensino de um curso de Letras, demonstrando as dificuldades em lidar com o tema da iniciação sexual, uma questão de existência que afeta adolescentes. Um dos empecilhos foi, por exemplo, como levar para classes de educação básica durante a realização do estágio uma abordagem tão íntima do ser humano e como debater as descobertas dos jovens. Conclui que a falta de atividades como essa e a escassez de produção literária sobre o tema tiram dos leitores a possibilidade de refletir sobre tais questões. A contribuição do ensaio recai justamente no tocante à reflexão das atividades desenvolvidas na etapa de formação inicial de professores que, ao assumirem suas aulas depois de formados, poderão introduzir a literatura na escola como uma forma de levar o aluno a conhecer a si mesmo e a sociedade em que vive.

O livro *A chave do tamanho* (1942), de Lobato, é objeto de estudo de João Luís Ceccantini e Thiago Alves Valente. O ensaio “Narrativas utópicas *ma non troppo*” merece atenção pela abordagem do tema da utopia, diante das mudanças do mundo e transformações da humanidade, que se faz presente no citado livro de Lobato, em *Monte Verità* (2009), de Gustavo Bernardo, e *Watchmen* (1988), de Alan Moore. Tais narrativas, de acordo com os pesquisadores, “deslocam o leitor do senso comum para as incongruências das soluções fáceis de problemas graves do mundo real” (p. 185), como a mudança de tamanho causada por Emília (de Lobato) ou o controle da natalidade e a limpeza do meio ambiente, entre outras transformações pelas quais a humanidade passará, de acordo com as mensagens enviadas por Manuel, garçom moçambicano do hotel “Monte Verità” (de Bernardo). A contemplação do ensaio leva à reflexão acerca de narrativas que abordam temas distópicos vivenciados pelo homem e sugerem, por conseguinte, leituras a serem realizadas na escola.

A Alice Áurea Penteadó Martha coube investigar modos de construção da identidade juvenil em narrativas contemporâneas que elucidam aspectos problemáticos na vida

cotidiana. Sem dúvida, o artigo destaca-se na composição do livro pelo comentário de *Alice no espelho*, de Laura Bergallo, *A distância das coisas*, de Flávio Carneiro, *Todos contra D@ante*, de Luís Dill, *O rapaz que não era de Liverpool* e *O tempo das surpresas*, ambos de Caio Riter, narrativas que são analisadas verticalmente, englobando projeto gráfico e editorial, narrador e focalizador, personagem, relação entre adulto e jovem. São postas em debate dificuldades vivenciadas pelas personagens, como a bulimia e a insatisfação com a aparência física, a morte de um ente querido, o *bullying*, a adoção e a doença terminal, temáticas presentes nas narrativas que compõem o *corpus* de análise e convergem para o processo de identificação do jovem leitor que se vê projetado no mundo ficcional.

O ensaio “A morte na literatura: da tradição ao mundo infantil”, de Vera Teixeira de Aguiar, ocupa-se em interpretar a concepção de morte em diferentes épocas a partir da citação de excertos da literatura ocidental, passando por Homero, Ésquilo, Dante Alighieri, Camões, Gregório de Matos, Tomás Antonio Gonzaga, Álvares de Azevedo, Machado de Assis, Augusto dos Anjos, Manuel Bandeira, Drummond, Cecília Meireles e chegando aos contos de fadas, produções estas concebidas às crianças por excelência. A morte na literatura pode significar a glória, como em Camões, a síntese do amor, em Gonzaga, bem como a continuidade da vida, nos contos clássicos. Em tais contos, o tema é discorrido com naturalidade, e pode servir como o motivo desencadeador da narrativa ou pode encaminhar para o desfecho.

Vera Helena Gomes Wielewicki dedica-se ao tema da diferença racial ao fazer considerações sobre *O menino do pijama listrado*, de John Boyne, enfocando o tratamento dado ao imigrante e, portanto, ao diferente. Para isso, selecionou 37 artigos acerca da temática que foram publicados em 2006, ano do lançamento do livro, no jornal *The Independent*, com o fito de observar como a Irlanda vê a corrente migratória para o país. Os comentários demonstram que o assunto ainda é polêmico. O artigo segue apresentando a iminência do livro em expor a necessidade de limpar a raça, excluindo os judeus, que representavam uma ameaça aos alemães na Segunda Guerra Mundial. Desse modo, sugere que o tema deva ser debatido com as crianças e jovens leitores, sinalizando aquele que sofre com a imigração por ser diferente e aquele que maltrata o diferente por se achar provido de uma raça superior.

Para a escritora Lygia Bojunga são dedicados quatro artigos. Maria Zaira Turchi e Flavia de Castro Souza explicam que a obra de Bojunga tem possibilitado novos enfoques críticos. Elas aplicam-se na análise de *O meu amigo pintor*, *Nós três* e *O abraço*, citando formas de violência como o suicídio, o assassinato e o estupro, temas muito delicados ao ser humano e, ainda, de certa forma, negligenciados ao debate com leitores de menor idade. De acordo com as estudiosas, a leitura da literatura de Bojunga permite formas de enfrentamento de conflitos interiores por meio da simbolização, pois tanto a morte quanto a violência, sendo esta uma decorrência daquela, são representadas pela expressão da arte, mediante recursos estéticos que geram entendimento e superação das personagens, permitindo ao leitor a recriação simbólica como uma força propulsora de vida. Rosa Maria Cuba Riche, por sua vez, propõe uma leitura que vislumbra a presença do trágico no livro *Sapato de salto*. Sua apreciação retoma tragédias gregas e expressões próprias do trágico que chegam à literatura para crianças e jovens. Para que ocorra o trágico, um erro deve ser cometido, com isso, terror e compaixão guiam o leitor na leitura. Em *Sapato de salto*, por exemplo, o suicídio de Maristela gera a loucura da mãe, D. Gracinha, e as falhas recorrentes da protagonista Sabrina, sua filha, personagens que são punidas pelo destino. Em “Quando a morte seduz: o suicídio na literatura para crianças e jovens”, Clarice Lottermann cita pesquisas a respeito do tema da morte e detém-se na análise de *O sofá estampado* e *O meu amigo pintor*. Ao trazer à tona este tema, Lottermann defende que “os livros atuam como agentes de iniciação dos jovens leitores: através da leitura, crianças e jovens são inseridos nos mistérios da morte” (p. 69). Nos livros, as personagens demonstram dificuldade para entender o fim da vida, por isso, a leitura tem como função levar o leitor a acompanhar as experiências ficcionais e aproximar-se da vivência dessas situações. Por fim, a configuração da personagem criança em *Corda bamba*, *Nós três* e *Sapato de salto* é o tema selecionado por Rosa Maria Graciotto Silva. São feitos apontamentos sobre o perfil das crianças, principalmente as femininas, fortes e destemidas, que demonstram controle de si mesmas e capacidade para lidar com as situações de medo que assolam seu cotidiano. Por meio da leitura, o leitor habituado com o estilo de Bojunga, percebe a intertextualidade relacionada à construção das personagens, que possuem traços comuns, reiterados livro a livro.

Apesar da riqueza e da variedade temática presente nos ensaios aqui reunidos, alguns assuntos, como demonstram os pesquisadores, ainda parecem intocados, encobertos ou

cheios de pudor quando voltados para produções predeterminadas ao público infantil e juvenil. Quando abordados, igualmente, os temas deparam as dificuldades do mediador para explorá-los em sala de aula, com o objetivo primeiro de formar o leitor. Por isso, o tratamento estético dos livros oferecidos pelo mercado editorial torna-se ainda mais relevante para que a abordagem das questões polêmicas não se torne depreciativa ou didática para o leitor. Como é possível notar, o livro *Heróis contra a parede: estudos de literatura infantil e juvenil*, aqui resenhado, torna-se leitura imprescindível para aqueles que empreendem seu olhar para a literatura e a formação do leitor, especialmente para profissionais que se voltam para ensino e aprendizagem da literatura para crianças e jovens.

Recebido em 31/03/2012
Aprovado em 01/07/2012